

Encruzilhada de Sentidos na Interioridade

Mário Andrade dos Santos

1

Quando há uma transformação radical na mente, altera-se a perspectiva de análise, modifica-se o entendimento dos mundos, interno e externo. A vivência emocional dessa transformação é dolorosa, é a tormenta interna antes da esperança. Bion refere que ‘a transformação depende da mudança de vértice’ (1991: 104). Ou seja, a mudança de vértice posicional (‘ver’ o objeto de outra perspectiva geográfica); de vértice pessoal (duas pessoas diferentes a pensar sobre o mesmo objeto); de vértice interno (pelas diferentes interpretações que cada uma das instâncias internas – ego, id, superego – faz de um determinado facto e também pela mudança interna de vértice provocada pela ‘*changement catastrophique*’ (Bion 1982: 14), no sentido em que ‘a evolução mental ou crescimento é catastrófica e atemporal’ (Bion 1991: 119).

No decorrer de um tratamento psicanalítico, a expansão da mente (Santos 2005) realiza-se com base na regra de associação livre (analisando) e da atenção flutuante (psicanalista). Segundo Freud (1996, vol. XII:126):

Pois assim que alguém deliberadamente concentra bastante a atenção, começa a seleccionar o material que lhe é apresentado [...] Ao efetuar a seleção, se seguir suas expectativas, estará arriscado a nunca descobrir nada além do que já sabe; e, se seguir as

inclinações, certamente falsificará o que possa perceber. Não se deve esquecer que o que se escuta, na maioria, são coisas cujo significado só é identificado posteriormente.

Laplanche e Pontalis (1976: 74), acerca da atenção flutuante, escrevem:

É esta regra que, segundo Freud, permite ao analista descobrir as conexões, inconscientes no discurso do paciente. Graças a ela, o analista pode conservar na memória ['memória pré-consciente'] uma multidão de elementos aparentemente insignificantes cujas correlações só ulteriormente ressaltarão.

Ou, nas palavras de Bion (1991: 53-54):

Abster-se de memória, desejo, compreensão e impressões sensíveis parece impossível sem a negação completa da realidade; o psicanalista, porém, busca algo diferente do que, de ordinário, se conhece como realidade; desconsiderar o que, em geral, se entende por realidade não implica inconveniência para o propósito de alcançar o contato com a realidade psíquica, isto é, as manifestações que evoluem de O [na terminologia de Bion, O significa a realidade psíquica última que não pode ser conhecida diretamente mas apenas através do produto de suas transformações].

Coimbra de Matos ensina que a teoria não se deve sobrepor ao saber da experiência analítica, pelo contrário, é este que irá confirmar, infirmar, ou complementar a teoria. É por estes caminhos, num encontro de dois mundos internos, que analista e analisando podem desbravar áreas desconhecidas das suas mentes e o fator dependência interfere no posicionamento que cada um tem na relação. Em alguns casos, ambos se beneficiam dela, numa espiral crescente de desenvolvimento mental. Noutros, um tenta prender o outro a si, aos seus medos, dificuldades, carências, necessidades, desejos, a uma relação simbiótica, onde o outro deixa de ter existência própria. Este, ou consegue ajudar aquele a evoluir, e prosseguem juntos numa relação satisfatória para ambos, ou rompe a relação, não se deixando aniquilar; ou permite ainda a anulação da sua individualidade, retaliando, ou não, vivendo uma relação de dois mortos-vivos, de aparente harmonia, ou de constantes castrações.

Cada momento relacional, intra e inter, é função do ponto de perspe-

tiva do observador, da face revelada pelo observado, e do contexto espaço/tempo ambiental que os envolve, sendo dinâmica a relação entre estes três fatores.

2

Steiner começa o livro *O Silêncio dos Livros* com a seguinte frase: ‘Temos tendência a esquecer que, por serem altamente vulneráveis, os livros podem ser suprimidos ou destruídos’ (Steiner 2007: 7). Ao pensar que a vida finda com a morte, não me consola a ressurreição dos mortos da doutrina cristã, ou a reencarnação aceite pelo budismo, ou outras de sentido idêntico. Por que será que, excetuando alguns, que se mantiveram firmes na sua fé religiosa, apesar de perseguidos, torturados, ou sentenciados à morte, os outros, que se dizem crentes, tremem angustiadamente perante a morte? Será porque as suas mentes, culpabilizando-os, os atormentam com imagens antecipatórias de enorme sofrimento, infligido por um pai severo, tirânico e impiedoso (Deus), numa vivência persecutória de desamparo? (Muitos, procuram, no fim da vida, aconchegar-se a Deus, através de práticas religiosas paliativas, movidos mais pelo medo do que pela convicção). Ou será por que, ao pensarem na morte, os horroriza a perspectiva do fim, do nada, do vazio, ainda que agarrando-se à esperança/desejo de se elevarem ao Céu (Paraíso)?

Constato a possível sobrevivência do ser humano através da obra realizada. A obra, as obras, são os filhos, as produções artísticas, científicas, as ideologias religiosas, filosóficas, políticas, a guerra, a paz, tudo o que deixa marca da sua existência ao longo dos tempos, como rasto da nossa passagem pela vida. Como são vãs, ilusórias, loucas, porém, as intenções de forçarmos o nosso nome na eternidade. Basta um pequeno espirro da natureza para que as casas se desmoronem, basta um momento de infortúnio fatal para ceifar vidas de tenra idade, ou como escreveu Steiner (2007: 34): ‘Ainda recentemente, uns dezasseis mil incunábulo e manuscritos iluminados, e não reproduzidos, pereceram no incêndio devastador da biblioteca de Sarajevo’. Cada ser humano é um original, do qual não há cópia.

E são inúmeras as ligações que se entrecruzam no nó de dor, na vivência da angústia de morte, na vivência da revolta do nosso narcisismo impotente face ao destino final da vida. Quantos morreram na miséria, e, ou, ignorados e marginalizados, e só então reconhecido o seu valor,

e até glorificados? Camões, Mozart, Rembrandt e Edgar Allan Poe são disso exemplo. Quantos, pelo contrário, morreram rodeados de elogios e atenções, e com o tempo foram esquecidos? As memórias não reavivadas definham-se e perdem-se no esquecimento. Mas, é sedutor, e ao mesmo tempo cria conflitos internos (pulsões de vida – pulsões de morte, princípio de prazer – princípio de realidade), o escrito de Horácio *carpe diem* ('colhe o teu dia, – não no percas! – hoje').

3

Amarmos e sentirmo-nos amados pelo objeto de desejo (desejo versus necessidade); entendermos e sentirmo-nos entendidos pelos outros significativos; incentivarmos e sermos incentivados a que possa emergir e se desenvolver plenamente a individualidade (proliferação de cores de individualidade em contraposição ao cinzento monótono das massas monolíticas); estas situações parece-me que realizarão uma vida, tornando-a cheia e quente de relações significativas, prazeres, e realizações de projetos, permitindo-nos morrer num sono tranquilo. Penso que aceitamos melhor a ideia de que vamos morrer, se tivermos uma vida realizada com prazer, e acarinharmos os que continuarão a viver após o nosso desaparecimento.

R. Bach (1978) escreveu na primeira página do livro *A História de Fernão Capelo Gaivota*:

A maior parte das gaivotas não se preocupa em aprender mais do que os simples factos do voo – como ir da costa à comida e voltar. Para a maioria, o importante não é voar mas comer. Para esta gaivota, contudo, o importante não era comer, mas voar. Antes de tudo o mais, Fernão Capelo Gaivota adorava voar.

Esta maneira de pensar não o popularizava entre os outros pássaros, como veio a descobrir. Até os próprios pais se sentiam desanimados ao vê-lo passar dias inteiros fazendo centenas de voos rasantes, sozinho, a experimentar (idem: 13-14). E na última página: 'Não há limites, Fernão? pensou, e sorriu. A sua corrida para a aprendizagem acabava de começar' (idem: 89). Richard Bach remete-nos para duas questões. Uma, a das pressões e expectativas dos grupos sociais, esperando que o indivíduo não cause perturbações na tranquilidade da ordem estabelecida, assente nas rotinas conhecidas e seguras, e no adquirido aceite, pois a

mudança implica vivência de ansiedades diversas (de qualidade e quantidade díspares conforme há desejo de, ou oposição à mudança), pelo confronto com o desconhecido, incerto e inseguro. Outra, a perspectiva que o sem limites, o infinito (interno e externo), é o propulsor para o aprender contínuo (não se acomodando num interesse muito limitado pelo saber, mas também, não soçobrando ao peso do infinito).

Os seres que sobrevivem são os que melhor se adaptam às mudanças. Mas, queremos apenas sobreviver como espécie animal (desde o lambe botas, até ao vale tudo, até tirar olhos), ou viver como humanos (ser, cada um à sua maneira – segundo os seus desejos, interesses, e potencialidades – um Fernão)?

Ricardo Reis (1981: 35-36), em *Odes*, vai no sentido de Horácio:

A tua lenha é só peso que levas
 Para onde não tens fogo que te aqueça,
 Nem sofrem peso aos ombros
 As sombras que seremos.
 [...]
 Pouco usamos do pouco que mal temos.
 A obra cansa, o ouro não é nosso.
 De nós a mesma fama
 Ri-se, que a não veremos
 Quando, acabados pelas Parcas, formos.

Fernando Pessoa, através de Ricardo Reis, alerta-nos para as prisões em que poderemos transformar as nossas breves vidas, desbaratando-as em lutas e sacrifícios, correndo atrás dos ouros narcísicos (materiais ou de glória), esquecendo-nos de usufruir da diversidade da vida, sentindo em nós o prazer de viver. A onipotência, a onisciência, a arrogância, e o narcisismo exacerbado, são inimigos dos investimentos amorosos e de tolerância para com o(s) outro(s). A morte tudo apaga, nada existe senão para os vivos. Ao morto não o gela de pavor o fim do mundo, nem o aquece de excitação o objeto de desejo sexual. O morto era o vivo que deixou de existir.

Mais Amor Menos Doença é o título de um dos livros de Coimbra de Matos (2003), título muito expressivo. Sem o amor do outro significativo, sem amor por si mesmo, pelo outro e pela vida, é a doença que impera nas nossas existências. Há muitos anos atrás, ouvi Coimbra de Matos falar do ‘agente patogénico’. Desde logo, me fez sentido, sentia-

-o na carne. O objeto patogénico externo e interno é um gerador de grillhetas, é um frenético castrador do prazer de viver. Mas, em sentido contrário, encontramos noutro artigo do mesmo livro de Coimbra de Matos, 'Ser Único e Ter Rosto: O Binómio Resiliente', um pensamento arrebatador: o olhar amante do outro é a fonte de vida humana (idem: 123). É que nesse olhar amante do outro sentimo-nos desejados, convidados para uma relação amorosa, para brincar a dois e isso faz-nos sentir bem, felizes. E quando a doçura do olhar é recíproca invade-nos o infinito, extravasamos os limites corporais, há um sentimento de loucura saudável. Imagino que o bebé se sinta trespassado de sensações agradáveis, excitantes, quando inundado pelo olhar apaixonado da mãe; sensações que o bebé pela sua imaturidade mental só poderá vivenciar em porções adequadas ao desenvolvimento da sua mente. Acima desse limiar de tolerância surgirá, primeiro, desconforto e, depois, sofrimento (curto-circuito mental), mas quando há mímica do olhar apaixonado da mãe, definham, na solidão, os incipientes processos mentais.

4

Na minha adolescência, ocorreram-me vários pensamentos, aos quais dei atenção. Entre eles, a dúvida se valeria a pena aprender os conhecimentos científicos, e outros (mais do que os conhecimentos em si, pensava nas suas implicações), que na altura eram tidos como verdadeiros, ou não, porque fantasiava que poderia surgir uma civilização extraterrestre (provavelmente extraeu, extrafamília, extragrupo de amigos, extrassociedade onde inserido) com conhecimentos que tornassem os nossos obsoletos. Este género de pensamento pode levar à inatividade, aguardando passivamente esses deuses do saber (processo e efeito de projeção idealizada de omnisciência). É um pensamento que associo ao funcionamento mental de alguns pacientes borderline que eliminam o percurso de trabalho, de vivências de frustração, de incertezas, inerentes ao percurso que vai do projeto à realização da obra, tentando, assim, irrealisticamente, sobrevoar esse caminho, unindo o início com o fim glorioso, com a fantasia de brotar espontaneamente de dentro de si a obra perfeita (o desejo de brilhar e ser amado pelos outros através da genialidade da obra, seria um modo de preencher a falha de, enquanto bebé, não ter brilhado nos olhos da mãe, como único e amado, com o aplauso do pai. Enquanto bebé que surgiu das entranhas da mãe, tal como a obra das entranhas do indivíduo).

Outro pensamento da minha adolescência, semelhante a este era: e se tivéssemos visão diferente dos objetos? Por exemplo, pontilhista, ou por manchas de cor não dominada pela forma. A noção que teríamos da realidade seria diferente, ainda que a realidade em si continuasse a ser a mesma. Na alegoria da caverna, Platão descreve fenômeno idêntico, onde as sombras dos objetos projetadas no interior da caverna seriam tomadas como objetos reais. Recentemente, através da nanotecnologia, verificou-se que a essa dimensão do muito pequeno a cor do ouro é vermelha (o nanómetro (nm), a unidade de comprimento na nanotecnologia, é um milionésimo de milímetro, $1,0 \times 10^{-9}$ m).

Se pensarmos também na importância da interferência da mente do observador sobre aquilo que observa (quer na seleção do material a analisar, quer na sua análise, e conclusões), estas considerações levantam a questão do que é a realidade, e de que realidade falamos quando sobre ela nos debruçamos. Nada que espante os psicanalistas habituados a lidar com diferentes realidades da mesma realidade (consciente – pré-consciente/inconsciente, parte não psicótica da personalidade/parte psicótica da personalidade, ego/id/superego).

A pesquisa do conhecimento é condicionada pelo nível de desenvolvimento alcançado da nossa estrutura mental ou, em sentido inverso, pela sua imaturidade, perturbações psicopatológicas, e outras. A este respeito, começo por referir as teorias sexuais infantis (Santos 2000) que refletem a fase de desenvolvimento psicosexual em que a criança se encontra, nas suas investigações sexuais e do mundo, e os conhecimentos que possui e como os entende.

Quando a convicção ou a perseverança não são fortes no indivíduo, perante o não acolhimento das suas ideias pelo(s) outro(s), estas murçam dentro de si, pelo sentimento de estranho face ao outro, da não valorização do seu mundo interno, e mesmo humilhação, ou pela perspectiva de conflitos internos e externos se persistir com as suas ideias. As interpretações que o paranóico faz das suas projeções sobre o outro interferem nas suas relações, ao distorcer a realidade objetiva, levando-o, por isso, a pensar/sentir-se perseguido. A toma de substâncias alucinogénias provoca, também, percepção alterada da realidade, através de alucinações. Por vezes, ainda que se pressinta que algo possa não estar bem, há sinais a que não se quer dar importância, significado, mas que nos deixam inquietos. A frase 'olhos que não vêem coração que não sente' reflete o impacto emocional que sobre nós têm alguns conhecimentos. Neste caso, a fuga a ter consciência de acontecimentos que nos trazem dor mental é um modo de a evitar. A mesma frase relaciona-se,

habitualmente, com situações de infidelidade conjugal. Mas as defesas mentais, como o recalçamento, encarregam-se de nos aliviar do conhecimento não tolerado pela mente, mente que, naquele momento, por insuficiente desenvolvimento ou excessiva dor pela violência do acontecimento, não lhe é possível lidar com esse acontecimento. E isto ainda que com consequências que tolgem o funcionamento mental, uma vez que o aparelho psíquico não só se defendeu, como terá que continuar a defender-se desse conhecimento (o recalçado) que foi posto fora do alcance dos 'olhos' da consciência, mas que não deixou de existir, pelo contrário, tenta surpreender-nos ao virar de qualquer esquina, ou seja de qualquer abaixar das guardas (defesas).

Em idêntico sentido vai 'O Paraíso' e 'A Queda Original', do livro do Génesis. Após Eva ter sido levada pela astuta serpente a tocar e a comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, e a dá-la a Adão, que também o comeu, estes, tal como Deus havia dito, morreram, morreram para o estado de pré-vergonha, ou, como a serpente havia referido, abriram-se-lhes os olhos, tomaram o conhecimento, e descobriram-se como homem e mulher, sentindo, então, necessidade de esconder o corpo sexuado. Diversificadas leituras poder-se-ão fazer desta história do Adão e Eva. Uma, a da passagem da infância, onde tudo é dado à criança (o suposto Paraíso), para o possível autossustento (a expulsão do Paraíso; a saída de casa dos pais), com potencial de realização após a puberdade e o desenvolvimento das características físicas distintivas dos dois sexos. Na atualidade, esse momento de independência dos pais (Deus) adiou-se no tempo, pelo prolongamento dos estudos escolares e início da atividade profissional estável.

O que a serpente disse a Eva: 'sereis como Deus ficareis a conhecer o bem e o mal', a partir do momento em que comessem do fruto proibido, poder-se-á 'ler' como a ascensão do adolescente ao conhecimento da sexualidade adulta/genital ('O Senhor Deus disse: 'Aqui está o homem que, pelo conhecimento do bem e do mal, se tornou como um de nós'. O fruto proibido, a expulsão do Adão e Eva do jardim do Éden, e a guarda deste a oriente (a nascente) por querubins, de modo a que aqueles não tivessem acesso à árvore da vida, poderão representar medidas de evitamento de conflitos intrafamiliares e do incesto.

Por vezes, tem-me acontecido descobrir noutros certos pensamentos aos quais havia chegado por mim próprio, imaginando que nunca antes alguém os havia pensado. Na verdade, são conhecidos casos regulares, de investigadores que chegam a descobertas/conclusões idênticas sem que soubessem do trabalho uns dos outros. Freud (1996, Vol.

V: 637) escreveu: 'Sinto-me feliz em poder apontar um autor que tirou do estudo dos sonhos as mesmas conclusões que extraí sobre a relação entre a atividade consciente e a inconsciente'. Parece-me um assunto interessante de ser investigado em profundidade, mas a minha hipótese é que estruturas mentais idênticas, com saberes e ferramentas de análise/investigação apropriadas, debruçando-se sobre estímulos internos ou externos, e pensando (pensamento investigatório) os pensamentos daí derivados (do quotidiano ao mais especializado, do criativo ao científico passando pelo filosófico, religioso, e outros) chegarão às mesmas conclusões, o que se liga com o que atrás descrevi acerca das teorias sexuais infantis.

5

Podemos imaginar uma guerra convencional, com as tropas de um dos lados do conflito bélico a avançarem pelo território do inimigo adentro. Neste cenário, é possível visualizar esse avanço em várias frentes, com dispersão (fragmentação) das tropas, ou passo a passo, de modo coeso. No primeiro caso, as tropas ficam fragilizadas pela pretensão de absorver mais do que têm possibilidade de abarcar. No segundo, as tropas mantêm o seu poderio, porque se conservam ligadas, ainda que tenham ocupado novos territórios. Esta imagem, à semelhança de outras que poderia descrever, serve-me para abordar o desenvolvimento mental e os seus investimentos. Uma mente que, no seu desenvolvimento, não consolide cada etapa vai naturalmente ficar com espaços vazios na sua estrutura, fragilidade que não lhe permite funcionar plenamente ao nível que haja atingido. A psicopatologia, de modo geral, baseia-se no edifício mental assente em alicerces (nas patologias mais graves: psicoses e borderline), nos primeiros andares (neuroses graves) e nos andares superiores e acabamentos (neuroses/normalidade) construídos de modo desadequado à boa sustentabilidade, resiliência, e funcionalidade dessa estrutura mental.

Esta dispersão pode ser encontrada nos investimentos do sujeito. Para aprofundar, alargar e aperfeiçoar, ou até mesmo romper com o estabelecido, para inovar, é necessário debruçarmo-nos não necessariamente sobre uma só coisa, mas sobre áreas correlativas, de cujo entrelaçamento saia enriquecido o pensamento. Do pensar-se, do pensar as suas relações, os seus produtos (científicos, artísticos, filosóficos), provavelmente surgirão novos pensamentos a pensar, numa espiral crescente de influências recíprocas. Tal como a mãe necessita de tempo

e espaço (físico e mental) para se dedicar, investir e cuidar, de modo contínuo, do seu bebê, libertada de entulhos (internos e externos), perturbadores da disponibilidade para a relação, também o psicanalista (tal como o investigador, o criativo, o religioso, e outros) necessita de estar solto de incômodos que o desviem, no acolher, sentir, pensar, e na ação (diferente do agir) dos seus objetos de investimento.

Vivendo cada um como lhe é possível, tenho a experiência dos efeitos negativos, temporários que a sobrecarga de preocupações com a resolução de problemas prementes tem na disponibilidade interna para estar com o outro, acolhê-lo, senti-lo e pensá-lo. Quando estamos livres de perturbações internas e externas, podemos contar com as nossas capacidades conscientes, como inconscientes, para mais plenamente nos embrenharmos nos objetos alvo do nosso interesse. É necessário um núcleo psíquico consistente donde possamos partir, fundamentalmente quando necessitamos, em atividade investigativa ou criativa, de criar em nós alguma vivência fragmentária, ou que nos permita viver a mudança catastrófica.

O modo como vivemos a vida depende de inúmeros fatores internos e externos que se conjugam a cada momento, mas há um que gostaria de referir, a questão do tempo. A nossa vida é finita e, portanto, não dispomos de tempo eterno para os nossos interesses, prazeres, e 'obrigações'. Temos de lidar com a frustração advinda deste limite que nos obriga a reduzir, drasticamente, o campo das opções (não somos ubíquos) e nos restringe a sua durabilidade (temos duração limitada), reduzindo-nos o número de experiências de vida, além daquelas que nós próprios nos impedimos de viver (por inibição, proibição, fobia, ou outra limitação no nosso mundo interno).

6

Recentemente, deparei-me com uma frase de Goethe (1998, vol. III: 204): 'uma noite infinita em que eu me encontro na mais terrível solidão'. Esta frase transmite-nos um terror de enlouquecer, se nos imaginarmos vivendo-a. A noite é o período de tempo, habitualmente, onde nos isolamos dos outros e da realidade para ficarmos a sós connosco. Possuindo um mundo interno povoado de bons objetos, e tendo vivências externas boas ou satisfatórias, o sujeito adormece em pouco tempo e terá um sono tranquilo. Mas o indivíduo que, interna e externamente, vive o desamparo, face a situações de enorme angústia, com o senti-

mento de desabamento psíquico, dia e noite sem esperança alguma (costuma-se dizer que após a tempestade vem a bonança, mas aqui a bonança não surge, permanece sempre a tempestade) vive uma dor mental tremenda, apocalíptica, que poderá tender para a morte psíquica (psicose), ou para a morte física (suicídio), como meio de escapar a esse imenso sofrimento sem fim.

Os navegadores portugueses, como Gil Eanes, na época dos descobrimentos, tiveram de enfrentar os perigos reais e os perigos medonhos imaginados para dobrarem o temido Cabo Bojador. Unidos de determinação e da capacidade de tolerar a dor mental, puderam confrontar-se com a verdade, aprender com a experiência (Bion 1991a) e desbravar novos mundos. Algumas vezes pintamos de cores negras realidades suaves, que nos entorpecem o descobrir, o desvendar.

Nas agruras da vida, a esperança guia-nos e o afeto quente do outro encoraja-nos.

REFERÊNCIAS

- Bach, R.
1978 [1970] *A História de Fernão Capelo Gaivota*. Lisboa: Moraes.
- Bion, W.R.
1982 [1965] *Transformations: Passage de l'Apprentissage à la Croissance*. Paris: Presses Universitaires de France.
1991[1970] *A Atenção e Interpretação: O Acesso Científico à Intuição em Psicanálise e Grupos*. Rio de Janeiro: Imago.
1991a [1962] *O Aprender com a Experiência*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S.
1996 [1969] *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vols. V, XII). Tradução de J. O. A. Abreu. Rio de Janeiro: Imago.
- Goethe, J. W.
1998 *Obras Escolhidas de Goethe. Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister* (Vol. 3). Lisboa: Relógio D'Água.
- Laplanche, J.; Pontalis, J. –B.
1976 [1967] *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa: Moraes.

- Matos, A. C.
2003 *Mais Amor Menos Doença: A Psicossomática Revisitada.*
Lisboa: Climepsi.
- Pessoa, F.
1979 *Mensagem.* Lisboa: Ática.
- Reis, R.
1981 *Odes.* Lisboa: Ática.
- Santos, M. A.
2000 A Sexualidade na Psicose. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
2005 'Acerca do Infinito e do Finito, ou da Expansão da Mente'. *Interações* 9: pp. 66-78.
- Steiner, G.
2007 [2005] *O Silêncio dos Livros.* Lisboa: Gradiva.

Encruzilhadas de Sentidos na Interioridade

Crossroads of Senses in the Innerself

Sumário

Summary

Quando há uma transformação radical na mente, altera-se a perspectiva de análise, modifica-se o entendimento dos mundos, interno e externo. A vivência emocional dessa transformação é dolorosa. O autor aborda esta questão, do ponto de vista da relação entre o funcionamento da mente e as vicissitudes da condição humana.

Palavras-chave: Mente, transformação, vida, morte.

When there is a radical transformation in the mind, the perspective of analysis changes, just as the comprehension of the internal and external worlds is modified. The lived experience of that transformation is painful. The author approaches this reality from the relation between the mind functioning and the vicissitudes of the human condition.

Keywords: Mind, transformation, life, death.